

A MULHER NA LITERATURA INFANTO-JUVENIL: REVISÃO E PERSPECTIVAS *

FÚLVIA ROSEMBERG **

A partir da década de 60, pesquisadores de várias nacionalidades têm procurado descrever e compreender o conteúdo de livros para crianças e adolescentes. Tais estudos, realizados por educadores, psicólogos e sociólogos, empregando técnicas mais ou menos sofisticadas de análise de conteúdo, podem ser agrupados em dois conjuntos.

O primeiro utiliza o livro infanto-juvenil quase como um pretexto para o conhecimento da sociedade (ou grupo social) que o produziu: seu conteúdo, simplificado, exemplar, tipificado por ser dirigido a crianças, permite ao pesquisador extrair valores, modelos e ideologias prevalentes no momento da criação. Neste primeiro grupo podem ser incluídos, por exemplo, os trabalhos de Bleton (1963), Chombart de Lauwe (1972), McClelland (1961), Soriano (1972) e outros.

Para o segundo grupo, o livro interessa pela relação que estabelece com a criança leitora: considera-se o livro como agente do processo de socialização, admitindo-se, assim, o postulado de sua influência sobre o leitor. Este enfoque tem merecido atualmente uma atenção bastante grande. As razões parecem evidentes: a dimensão de fenômeno de massa que vem caracterizando o livro infanto-juvenil¹ e o renascimento de teorias psicológicas preocupadas com a aprendizagem através de modelos simbólicos (Bandura e Walters, 1963). Curiosamente, estas teorias parecem reconhecer, meio tardiamente, um padrão aceito nas sociedades ocidentais há muito tempo, e concretizado através da proibição, para a juventude, de certos livros considerados perniciosos: o de que a literatura transmite idéias e pode forjar opiniões.

* Comunicação apresentada no Seminário "Pesquisa sobre o papel e o comportamento da mulher brasileira", patrocinado pelo Centro de Informações das Nações Unidas no Brasil e a Associação Brasileira de Imprensa, Rio de Janeiro, 30/6 a 6/7/75.

** Do Departamento de Pesquisas Educacionais da Fundação Carlos Chagas

1 No Brasil, em 1972 a rubrica livro e folheto infanto-juvenil atingiu, segundo o Anuário Estatístico de 1973, a tiragem de 9.913.658 exemplares.

Enquadrando-se nas linhas de preocupação apontadas, a bibliografia estrangeira, sobretudo norte-americana e francesa, tem-se avolumado com estudos sobre o conteúdo de livros de lazer e livros escolares, principalmente de leitura. Tais estudos assumem uma postura crítica, e as pesquisas procuram responder perguntas do tipo: Quais os valores e os modelos que os livros infanto-juvenis veiculam? Em que medida os valores e os modelos comportamentais transmitidos nos livros estão de acordo com os objetivos educacionais vigentes? Tais valores e modelos acompanham a evolução da sociedade ou, ao contrário, permanecem estagnados em determinado momento histórico? E, como por acaso, os valores e modelos que têm sido mais frequentemente descritos e criticados referem-se às minorias étnico-raciais e aos papéis sexuais.

A denúncia de preconceitos raciais em livros infantis, a seleção e a recomendação de textos sem preconceitos, retratando crianças de vários povos, têm surtido efeito. Pesquisas recentes sobre o negro na literatura norte-americana mostram, por exemplo, modificações essenciais em sua imagem (Allen, 1971 e Jones, 1971).

A preocupação com estereótipos sexuais é muito mais recente, e somente agora apareceram as primeiras listas de livros infanto-juvenis não sexistas, como a série norte-americana "Little Miss Muffet fights back".

Os movimentos de libertação feminina e a aceitação de suas teses contribuíram, de forma significativa, para o recrudescimento de pesquisas sobre os papéis sexuais nos livros de lazer e manuais escolares para crianças. Atualmente, praticamente todo estudo ou ensaio sobre a socialização dos sexos aponta a influência do livro, reivindicando transformações nos textos (Lafer, 1975 e N. E. A. 1973).

Essas reivindicações apoiam-se em resultados de pesquisas que procuram descrever imagens e modelos sexuais representados na literatura infanto-juvenil.

culinas" por parte das mulheres. E também, que há mulheres altamente competentes em todas as áreas. As diferenças individuais devem ser levadas em consideração mas devemos nos preocupar com as mulheres em geral e não só com a elite que pode escapar ao seu destino por sua própria conta.

Além disso, é necessário cautela para evitar a aceitação sem crítica do valor atribuído à competência. No entanto, devemos considerar que esses valores estão profundamente enraizados em nossa cultura e que, portanto, provavelmente não sofrerão mudança radical na presente geração. Devemos reconhecer também que esses valores talvez continuem sendo funcionais por algum tempo, especialmente no Terceiro Mundo, onde persistem os problemas de subsistência.

Nossa estratégia a curto-prazo, então, terá de incluir a abolição não só da discriminação que faz com que as mulheres realizem menos do que são capazes, mas também das muitas barreiras psicológicas que limitam grandemente seu pleno desenvolvimento: tais como deficits cognitivos e medo do sucesso, entre outras.

É desnecessário dizer que o subdesenvolvimento do talento feminino tem conseqüências de amplo alcance tanto para os indivíduos que compõem a metade da população mundial carente de oportunidades, e para a sociedade como um todo. A mudança das percepções e papéis sexuais será longa e difícil, mas os benefícios que daí podem advir para todos nós certamente serão maiores que as dificuldades enfrentadas.

[Recebido para publicação em julho de 1975]

Uma revisão das pesquisas mais significativas mostra que os resultados de praticamente todos os estudos são concordes: os papéis sexuais são repre-

sentados de maneira estereotipada na literatura infanto-juvenil, a mulher ocupando uma posição inferior.

RESULTADOS

PRINCIPAIS RESULTADOS

Os livros infanto-juvenis transmitem, de um modo geral, modelos sexuais estereotipados.

Os personagens femininos são numericamente inferiores.

Os personagens femininos adultos são representados entre quatro paredes. Os personagens masculinos adultos são representados no mundo exterior.

Os personagens femininos adultos dedicam-se principalmente a atividades domésticas. Os personagens masculinos adultos dedicam-se a atividades profissionais.

Os personagens femininos adultos dedicam-se a atividades profissionais pouco valorizadas. Os personagens masculinos adultos dedicam-se a profissões valorizadas.

Os personagens femininos adultos são mais passivos que os personagens masculinos adultos.

Os personagens infantis são menos estereotipados que os personagens adultos.

Os livros para meninas divergem dos livros para meninos.

FONTES

Child, Potter e Levine (1946), Mollo (1969), Rosenberg (1969), Dahrendorf (1970), Nilson (1971), U'ren (1972) Weitzman (1972), De Crow (1972), Feminist on children's media (1973) Saario et al. (1973), Stewig e Higgs (1973), Hillman (1973), França (1975).

Child, Potter e Levine (1946), Mollo (1969), Rosenberg (1969), Nilson (1971), U'ren (1972), Weitzman (1972), Stewig e Higgs (1973), Saario et al. (1973), Hillman (1973).

Rosemberg (1969), De Crow (1972), U'ren (1972), Saario et al. (1973), França (1975).

Mollo (1969), Rosemberg (1969), Lehtonen (1971), Weitzman (1972), Saario et al. (1973), Stewig e Higgs (1973), França (1975).

Mollo (1969), Rosemberg (1969), Hillman (1973) Stewig e Higgs (1973), França (1975).

Child, Potter e Levine (1964), Mollo (1969), Rosemberg (1969), Saario et al. (1973), Hillman (1973).

Child, Potter e Levine (1946), Rosemberg (1969), Saario et al. (1973).

Rosemberg (1969), Skjonsberg (1974).

Os resultados são claros, coerentes. A responsabilidade é brutal.

Se admitirmos o postulado da influência da leitura nos comportamentos, a literatura infanto-juvenil, através de seu conteúdo, está, pelo menos, reforçando padrões inadaptados de papéis sexuais. Apresentando estereótipos, e não realidade vivida, voltada para o passado, e não para o futuro, estimulando ambigüidade, e não clareza, a produção literária para crianças e jovens está se demitindo de uma de suas funções extraordinárias: a de possibilitar, por sua flexibilidade, uma abertura, uma

expansão de horizontes. E com uma agravante: a leitura, em nosso meio, usufrui de um preconceito positivo.

As implicações destes resultados são bastante sérias: para os responsáveis pela produção (escritores, editores), para os educadores (pais, professores, pedagogos, bibliotecários) e para o psicólogo que estuda a aprendizagem de papéis sexuais.

Para quem estuda o desenvolvimento do comportamento humano, os resultados apresentados nas pesquisas estrangeiras devem constituir um estímulo

para empreender, em nosso meio, estudos semelhantes e avançar o conhecimento em setores inexplorados. Vários pontos permanecem ainda obscuros. Por exemplo, qual o elemento preponderante na transmissão de valores? Quais as características do modelo que o tornam mais identificável ou imitável (personagens, ação, contexto, consequência da ação)? Sob que forma a mensagem é mais eficiente?

A partir desta descrição (e denúncia se for o caso) da realidade, cabe ao pesquisador atuar junto à produção. Sair de seu laboratório, divulgar e discutir seus resultados, procurando, junto com editores, escritores, ilustradores e críticos, refletir sobre

a contradição ou a coerência entre os objetivos educacionais visados e as imagens veiculadas².

Aos críticos cabe a denúncia, a análise e o trabalho de divulgação de livros não sexistas.

Aos educadores incumbe toda ação junto ao público leitor. Partindo de uma reflexão sobre suas próprias posições face à discriminação sofrida pelo sexo feminino estimular os leitores a confrontarem o que lêem nos livros, com o que vivem, porque o vivem, e como seria bom viver diferentemente³.

2 Uma ação neste sentido foi desenvolvida na França no domínio do teatro infantil. Cf. Gratiot-Alphandery, Rosemberg, Chapuis (1973).

3 Moberg (s/d) elaborou um guia para a ação de educadores norte-americanos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALLEN, Vans. 1971. An analysis of textbooks relative to the treatment of black Americans. *Journal of Negro Education*, 40: 140-145.
- BANDURA, Albert e WALTERS, Richard. 1963. *Social learning and personality development*, Holt, Rinehart and Winston, N. York.
- BLETON, Pierre. 1963. Une sociologue: la Comtesse de Ségur. *Temps Modernes*, 200: 1245-1271.
- CHILD, I. L., POTTER, E. H. and LEVINE, E. L. 1946. Children's textbooks and personality development: an explanation in the social psychology of education. *Psychological Monographs*, 60 (3): 1-54.
- CHOMBART DE LAUWE, Marie-José. 1972. *Un monde autre: l'enfance*, Payot, Paris.
- DAHRENDORF, Malte. 1970. *Das Mädchenbuch und Seine Leser*. Buchmarktforschung, 21, Hamburg.
- DE CROW, K. 1972. Look, Jane, look! See Dick run and jump! Admire him! In S. ANDERSON (ed.), *Sex differences and discrimination in education*. Charles A. Jones, Worthington, Ohio.
- FEMINIST ON CHILDREN'S MEDIA. A feminist look at children's book. 1973. In L. N. GERHARDT (ed.), *Issues in children's books selection*. R. R. Bowker Company, New York.
- FRANÇA. INSTITUT NATIONAL DE RECHERCHE ET DE DOC. PÉDAGOGIQUE. 1975. *Image de la femme dans les manuels scolaires*. Mimeografado, Paris.
- GRATIOT-ALPHANDERY, H., ROSEMBERG, Fúlvia e CHAPUIS, Elisabeth. 1973. Le théâtre pour enfants; *Enfance*, numéro spécial.
- HILLMAN, Judith. 1973. *An analysis of male and female roles in two periods of children's literature*; University Microfilms, A Xerox Company, Ann Arbor, Michigan.
- JONES, James P. 1971. Negro stereotypes in children's literature: the case of Nancy Drew. *Journal of Negro Education*. 40: 121-125.
- LAFER, Betty M. 1975. Meninos e meninas. *SERASP*, 2: 32-40.
- LEHTONEN, Maija. 1971. 1960 — Luvun Soumalainen Nuorisoromaani; *Kirjallisuudentutkijain Seuran Vuosikirja*, 25: 72-107.
- MCCLELLAND, David C. 1961. *The Achieving Society*, Free Press, New York.
- MOBERG, Verne. s/d. *A child's right to equal reading*. N. E. A., Washington.
- MOLLO, Suzanne. 1969. *L'école dans la société*. Dunod, Paris.
- N. E. A. 1973. *Sex-role stereotyping in the schools*; N. E. A., Washington.
- NILSON, Allen P. 1971. Women in children's literature; *College English*, 32:918-926.
- ROSEMBERG, Fúlvia. 1969. *La famille et les relations familiales dans les livres pour enfants*. Tese de doutoramento, Université de Paris, Paris.
- SAARIO, Terry N. TITTLE, Carol K. and JACKLIN, Carol N. 1973. Sex role stereotyping. *Harvard Educational Review*. 43 (3): 386-415.
- SKJONSBERG, Kari. 1974. Sex role in children's literature; *Bookbird*, 3:3-6.
- SORIANO, Marc. 1972. Bibliothèque rose ou série noire? In Comtesse de Ségur. *La fortune de Gaspard*. Jean-Jacques Pauvert Editeur, Paris.
- STEWIG, John e HIGGS, Margaret. 1973. Girls grow to be mummies: a study of sexism in children's literature. In L. N. GERHARDT (ed.), *Issues in children's book selection*. R. R. Bowker Company, New York.
- U'REN, Marjorie B. 1972. The image of women in textbooks. in V. GORNICK e B. K. MORAN (col.). *Woman in sexist society: studies in power and powerlessness*; New American Library, New York.
- WEITZMAN, Lenore J. (1972) Sex-role socialization in picture books for preschool children. *American Journal of Sociology*, 77: 1125-1150.

[Recebido para publicação em setembro de 1975]